

ANÁLISE DO DISCURSO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS, CONSTRUÇÃO TEÓRICA E PERSPECIVAS

Francisco Canindé Tinoco de Luna¹. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN e professor da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ, em Aracati-CE. E-mail: professortinocouna@gmail.com.

Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho. Filósofo, pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

RESUMO: O presente artigo discute os fundamentos epistemológicos que deram origem à Análise do Discurso, mostra a construção teórica dessa área de estudos e indaga sobre os caminhos que a AD tomará no curso de seu desenvolvimento teórico futuro. Estruturalismo, Marxismo e Psicanálise são colocados como lastros teóricos da AD, são ressaltadas as contribuições de Pêcheux, Althusser, Courtine, Bakhtin e Foucault e é feita uma descrição histórica das fases de construção da disciplina, além de um levantamento das possibilidades de avanço teórico da Análise do Discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Linguagem. Ideologia. Materialidade

ABSTRACT: This paper discusses the epistemological foundations that originated to Discourse Analysis, it shows the theoretical construction of this area and inquires about the ways that it will take the course of its future theoretical development. Structuralism, Marxism and psychoanalysis are placed as Discourse Analysis theory, are highlighted contributions from Pecheux, Althusser, Courtine, Foucault and Bakhtin and a historical overview of the construction of the discipline phases, including some information of the possibilities of theoretical advancement of Analysis Discourse.

KEY WORDS: Discourse. Language. Ideology. Materiality

1 INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso, a partir daqui também chamada de AD, é uma disciplina surgida na França nos finais da década de sessenta que se constitui numa nova forma de ver a linguagem. Foi dessa época em diante que o fenômeno linguístico, além de ser estudado em sua imanência e no seu aspecto estrutural, passou também a ser visto em sua discursividade, ou seja, na sua relação com a realidade sócio-histórica. Dessa forma estavam lançadas as bases para a construção de uma teoria materialista da discursividade.

O presente artigo pretende mostrar que os estudos em Análise do Discurso se desenvolveram de forma tão consistente que, na atualidade, o seu objeto de análise, o discurso, ocupa um lugar central em todos os estudos da linguagem. Não há qualquer atitude humana que não esteja, de uma forma ou de outra, articulada a uma prática discursiva. Compreende-se hoje que o discurso é elemento fundante do homem moderno, uma vez que sua própria realidade e a forma como ela é entendida pode ser fruto de construções discursivas.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica realizada em obras dessa área de estudos, devidamente citadas no item das Referências, além das anotações feitas em sala de aula, durante as discussões que aconteceram nos encontros da Disciplina *Teorias Linguísticas* ministrada pelo Professor Doutor Ivanaldo Santos, no Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, no primeiro semestre de 2011.

Para levar a bom termo as considerações teóricas que apresenta, este artigo foi dividido em três partes: na primeira apresenta-se a base epistemológica, a especificidade da Disciplina e a preocupação com os usos políticos da linguagem, no contexto histórico peculiar daquele momento fundante da Análise do discurso nos anos sessenta; na segunda parte trata-se das contribuições teóricas de Pêcheux, Althusser, Courtine Bakhtin e Foucault, além de uma tentativa de conceituação de suas principais categorias básicas, tais como sujeito, discurso, sentido e condições de produção; na terceira, descrevem-se as fases de construção da AD, suas vertentes e discutem-se as perspectivas teóricas dessa área de estudos.

2 BASE EPISTEMOLÓGICA, ESPECIFICIDADES E VERTENTES DA AD

A base epistemológica da Análise do Discurso, no momento de seu surgimento, se construiu a partir de três ramos do conhecimento que gozavam de grande prestígio, na França e em toda a Europa, naquele contexto histórico fervilhante do final dos anos sessenta: o

estruturalismo, o marxismo e a psicanálise. Esses três campos do saber caíam como uma luva para os estudos da linguagem, naquele momento de muita efervescência política e contestação, de muita incerteza com relação à paz mundial ante a escalada da guerra fria e de toda uma onda de contracultura que alterou radicalmente costumes e paradigmas até então intocáveis.

Maldidier (1994, apud Mussalin & Bentes, 2001, p.101) mostra a fundação da AD como fruto do trabalho conjunto de Jean Dubois e Michel Pêcheux. O primeiro, lexicólogo e marxista, trabalhava as questões da ciência linguística daquele momento; o segundo, filósofo e também marxista, estava empenhado com os debates em torno da psicanálise e da epistemologia. Em suma, dois pesquisadores preocupados com assuntos distintos, porém unidos em torno do marxismo. E foi justamente a partir desse ponto em comum, que os dois propuseram uma análise de discursos, uma área de estudos que, nesse momento inicial, se apresentou como um projeto político que tinha por objetivo estudar as consequências dos usos políticos da linguagem.

O estruturalismo estava em alta pelo fato de ser o método que tinha dado à Linguística o *status* de ciência piloto das ciências humanas. Numa época, anos sessenta, em que ser considerada ciência conferia grande prestígio a qualquer área de estudos, a Linguística desfrutava de autonomia e se impunha ante as demais ciências humanas, haja vista poder ser estudada objetivamente por meio do método estrutural. Foi o corte saussuriano que, priorizando a língua em relação à fala, apresentou ao mundo acadêmico a realidade sistemática da língua e conferiu cientificidade aos estudos linguísticos.

O método estrutural ainda contribuiu para um melhor entendimento da noção de inconsciente da psicanálise, na medida em que Jacques Lacan, um dos mais célebres seguidores de Freud, passou a defender que o inconsciente se estruturava como uma linguagem. O sujeito lacaniano, concebido como algo dessubstancializado, um Outro que reside no vazio de nosso inconsciente, também foi melhor compreendido a partir do critério de lugar vazio do estruturalismo linguístico saussuriano.

Outra base epistemológica importante para a construção da AD foi o marxismo. Tido como um conjunto de ideias filosóficas, políticas, sociais e econômicas, o marxismo trouxe para a Análise do Discurso a noção de materialismo histórico, inicialmente aplicada à linguagem por Althusser e depois desenvolvida por outros teóricos. O materialismo histórico

possibilitou o entendimento de que a linguagem é um produto material dos signos e que estes signos são entes concretos e dotados de ideologia, os quais são construídos no fenômeno real das relações sociais; a ideologia, nessa perspectiva, não é vista como algo abstrato, mas fruto de um conjunto de práticas que se materializam na linguagem.

Também é salutar reconhecer que a proposta política do marxismo de transformação revolucionária da sociedade capitalista, ideia muito difundida naquele contexto histórico, serviu de inspiração para que Pêcheux e Dubois, dois marxistas militantes, pensassem a AD como um projeto político que tivesse como preocupação o uso político da linguagem.

Vale ainda ressaltar que a descoberta das investigações sobre linguagem realizadas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, ainda na primeira metade do século XX, e trazidas para a Análise do Discurso nos estudos de Althier Revuz na década de oitenta, promoveram uma aproximação ainda mais fundamentada entre o materialismo histórico e dialético do marxismo e os pressupostos da Análise do Discurso.

O terceiro elemento do tripé epistemológico da Análise do Discurso, peça teórica importante desse momento de fundação da Disciplina, é a psicanálise lacaniana, especialmente no que diz respeito à polêmica questão da subjetividade em Análise do Discurso, conforme se pode constatar em Mussalin & Bentes (2001, p.107):

A partir da descoberta do inconsciente por Freud, o conceito de sujeito sofre uma alteração substancial, pois seu estatuto de entidade homogênea passa a ser questionado diante da concepção freudiana de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente. Lacan faz uma releitura de Freud recorrendo ao estruturalismo linguístico, mas especificamente a Saussure e a Jakobson, numa tentativa de abordar com mais precisão o inconsciente, muitas vezes tomado como uma entidade abissal

Fazendo uma analogia com o estruturalismo saussuriano, Lacan diz que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, além disso, a psicanálise entende o sujeito como algo dessubstancializado. Dessas duas constatações derivam implicações importantes para a noção de subjetividade, tida, a partir dessa máxima lacaniana, como algo que se define em função do modo como o sujeito se relaciona com o inconsciente. Nessa linha de raciocínio, o critério

saussuriano de *lugar vazio*² vai explicar esse Outro que está no inconsciente, em relação a quem o sujeito se define.

A especificidade da AD, como acontece com a especificidade de qualquer disciplina, é aquela condição que faz de um determinado recorte da realidade, uma área digna de estudos, ou seja, aquilo que confere a esse campo de investigações uma preocupação e uma abordagem peculiar.

Em se tratando da Análise do Discurso, a sua especificidade, ou seja, aquilo que a torna uma disciplina digna de ser estudada, é a preocupação com os efeitos de sentido que são gerados a partir da relação dos discursos com as suas condições de produção, ou melhor, com a exterioridade histórica que, num primeiro momento parece está fora, mas, na verdade, é fator constitutivo dos discursos.

Com base nesse conceito de especificidade da AD entendemos, por exemplo, como é que um discurso proferido numa certa situação causa um tipo de efeito de sentido, ao passo que, o mesmo discurso, colocado em outra situação vai causar um efeito diferente. A oração do Pai nosso em um velório tem o sentido da tristeza, enquanto esse mesmo discurso numa solenidade de colação de grau tem o sentido da alegria.

Ao falar-se de especificidade da AD, convém registrar que a Análise do Discurso é uma área de estudos que se situa numa faixa limítrofe com outras áreas das ciências humanas e que essa proximidade fará surgir vertentes diferentes da AD em função da disciplina vizinha com a qual o contato seja privilegiado; Se a interdisciplinaridade prioritária for com a história se terá a Análise do Discurso de linha francesa, porém, se o contato maior for com a sociologia, se terá a Análise do Discurso de linha americana ou anglo-saxã, por exemplo.

De acordo Mussalin & Bentes (2001, p. 113) “como decorrência dessa fronteira instável sobre a qual se situa a Análise do Discurso e em função da disciplina vizinha com a qual ele privilegia o contato, teremos diferentes Análises de Discurso”.

A Análise do Discurso francesa e a Análise do discurso americana, ou anglo saxã, como representantes das duas principais vertentes dessa área de estudos, apresentam diferenças de características bem marcantes em suas principais categorias de análise. Para a

² Saussure mostra que o sistema linguístico é definido a partir de quatro critérios: diferencial, relacional, posicional e lugar vazio.

vertente francesa, por exemplo, o sujeito é sempre assujeitado, o discurso é a materialização histórica da ideologia e prevalece uma noção de poder que varia da concepção marxista à foucaultiana; já, para a vertente anglo-saxã, o sujeito é mais livre para possuir suas próprias intenções, o discurso é uma prática social e a noção de poder é substituída pela noção gramsciana de hegemonia. No fundo a diferença entre essas duas vertentes é motivada por uma querela não resolvida de cunho epistemológico: de um lado a história francesa das ciências e de outro o realismo crítico.

3 A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso, logo na sua gênese, teve que enfrentar um conflito teórico, travado exatamente entre aqueles que são considerados os fundadores dessa forma de abordar a linguagem: Jean Dubois e Michel Pêcheux. No entendimento do primeiro, um lexicólogo, a Análise do Discurso era fruto de uma evolução natural dos estudos linguísticos, os quais teriam se iniciado com a frase, depois foram para o texto e, naquele momento estaria evoluindo para o discurso; Por outro lado, para o segundo teórico, um filósofo, a Análise do Discurso constituía uma ruptura com a linguística, colocava as investigações sobre linguagem num outro patamar e, no fundo, significava o surgimento de uma nova disciplina.

Mussalin & Bentes (2001, p. 105) colocam que “A instituição da AD, para Pêcheux, exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito”. Observando, hoje, os caminhos que a AD tomou a partir desse conflito epistemológico, pode-se constatar que, já neste momento inicial da teoria do discurso, a proposta de ruptura de Pêcheux prevaleceu sobre o pretensão progresso natural a partir do léxico defendido por Dubois.

A ideologia, um conceito fundamental em Análise do Discurso, foi tratada inicialmente por Lois Althusser. Fazendo uma releitura de Marx, este teórico promove uma distinção entre uma “teoria das ideologias particulares” de uma teoria da “ideologia em geral”; a primeira expressaria a luta de classes na busca pela transformação revolucionária da sociedade ou, do contrário, pela manutenção do “*status quo*”; a segunda teoria, mostraria o mecanismo responsável pela reprodução das relações de produção que estariam em todas as ideologias particulares.

Althusser vale-se da metáfora marxista do edifício social para mostrar como a noção de materialismo histórico explica o funcionamento da ideologia na linguagem. Na concepção

clássica do marxismo, na base desse edifício, também chamada de infraestrutura, estariam as relações de produção e a base material do sistema; no andar de cima, ou seja, na superestrutura, estariam as instâncias políticas, jurídicas e ideológicas. A partir dessa “engenharia”, deduz-se que a ideologia não é algo abstrato, mas algo que tem existência real, um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção geradas na base material do sistema, as quais voltariam depois à infraestrutura por meio dos aparelhos ideológicos do estado: escolas, igrejas e etc.

Conforme pode se ver, a grande contribuição de Althusser para a Análise do Discurso foi no campo da ideologia quando apresentou a materialidade histórica desse conceito, fato que pode ser notado nos discursos dos aparelhos ideológicos do estado, bem como ao mostrar que a linguagem é o lugar privilegiado para a materialização da ideologia. Ressalte-se que, em fases posteriores da AD, o projeto althusseriano sofrerá muitas críticas por supostamente reduzir mecanicamente o aspecto ideológico a uma mera superestrutura.

Outra contribuição teórica significativa para a Análise do discurso foi a do filósofo francês Michel Foucault. Para Barros (2005, p.24) a segunda fase da AD “incorporou de modo definitivo e irreversível toda a força do pensamento” foucaultiano e mostrou o papel desestabilizador deste teórico, o que a bem da verdade, se refletiu nos momentos posteriores da teoria do discurso, sendo, inclusive, responsável por importantes pesquisas nessa área na atualidade.

Vale salientar que as contribuições de Foucault foram trazidas para a Análise do Discurso graças aos trabalhos de Jean-Jacques Courtine, a partir de sua obra *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (2009), que, além disso, desenvolve a noção de *corpus* e, devido a esse conceito, abre a AD para outras discursividades, bem mais do que o mero discurso político com o qual se preocupou em seus primeiros momentos.

Na obra de Foucault, especialmente em *A arqueologia do Saber* (1969) e *A ordem do discurso* (1970), o filósofo francês elabora suas importantes contribuições teóricas para a Análise do Discurso. A partir da noção de Formação Discursiva, derivam os conceitos de enunciado, arquivo, acontecimento, interdiscurso, dentre outros.

Em *A arqueologia do saber* Foucault vai colocar que o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com as práticas não discursivas, que os

dizeres e fazeres se inserem em formações discursivas e o enunciado é um gesto, um acontecimento que se liga a uma memória, possui uma materialidade, é único, está aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (apud BARROS, 2009, p. 24) vai mostrar que

Em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e distribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade.

Analise-se agora a significativa participação de Mikhail Bakhtin para a Análise do Discurso, contribuição teórica que chegou tardiamente ao ocidente, por volta da década de 80, pelos trabalhos de Althier Revuz. O filósofo russo traz uma revisão do conceito marxista de ideologia que desmonta o projeto althusseriano e mostra o fundamento dialógico da linguagem, as noções de alteridade e de interação, bem como a heterogeneidade como fator constitutivo dos discursos.

Em Bakhtin, a ideologia, um dos conceitos centrais em Análise do Discurso, não é uma “falsa consciência” e nem uma mera superestrutura, reflexo mecânico da reprodução das relações de produção, como se viu na leitura de Marx feita por Althusser. A ideologia é construída na relação dialética entre o que ele chamou de “ideologia do cotidiano” e “ideologia oficial” e é entendida como o conjunto de interpretações da realidade. Sendo assim, “Logo se vê que não cabe a possibilidade de tratar a ideologia como falsa consciência, ou simplesmente como expressão de uma ideia, mas como a da expressão de uma tomada de posição” (BRAIT, 2010, p. 169).

Outra importante contribuição bakhtiniana é a ideia de dialogismo como fundamento básico e modo de ser da linguagem. Essa concepção, traz a necessidade do outro para o discurso, mostra a heterogeneidade discursiva, e apresenta a interação social como a natureza real do fenômeno linguístico. O dialogismo abre espaço, inclusive, para a compreensão de interdiscurso, ideia que sob essa denominação foi trabalhada pelos analistas franceses antes mesmo de se conhecer, no ocidente, as investigações filosóficas de Bakhtin.

Não se tem acesso direto aos fatos, fenômenos e objetos do mundo, logo, toda a realidade nos chega semioticamente e é mediada pela linguagem. Sendo assim, nossos

discursos, constantemente, dialogam com outros discursos para construir a realidade em que vivemos. É assim que Bakhtin apresenta o dialogismo como fundamento da linguagem e, de quebra, ainda dar suporte para que os teóricos do discurso façam a associação entre dialogismo e interdiscursividade.

4 FASES E PERSPECTIVAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

A maioria dos teóricos considera que a Análise do Discurso, no seu processo de afirmação, passou por três fases de seu desenvolvimento teórico. Há na atualidade, entretanto, quem defenda a existência de uma quarta fase para a AD.

A primeira fase da AD está ligada ao momento de fundação dessa teoria, no qual prevalece a ideia de máquina discursiva. O objeto de estudo era o discurso produzido nessas máquinas, como era o caso do discurso do Partido Comunista; tratava-se de um sujeito completamente assujeitado a uma ideologia e, este discurso, era produzido em condições de produção mais estáveis e posições ideológicas pouco conflitantes, sendo, portanto um discurso estabilizado, de pequena carga polissêmica e, por conseguinte, prevalecia o silenciamento do outro.

Na segunda fase da AD entra em cena o que Barros (2005, p. 23) chama de “papel desestabilizador de Michel Foucault” e o conceito de Formação Discursiva – FD, desenvolvida por esse filósofo. O objeto de análise agora são as FDs, o sujeito passa a ser visto como uma função no interior dessas formações, e o discurso, produzido em condições de produção menos estáveis e posições ideológicas mais conflitantes é menos estabilizado, tem maior variação de sentidos e o Outro já começa a ter voz.

Na terceira fase, prevalece a noção de interdiscurso e a AD atinge elevado grau de heterogeneidade e de carga polissêmica. O sujeito, influenciado pela psicanálise lacaniana, é dividido, clivado e determinado pela sua natureza inconsciente. Os discursos, analisados agora no âmbito das variadas esferas da linguagem, como por exemplo os discursos da mídia, da literatura, da produção científica ou das conversas informais, são produzidos em condições de produção muito complexas e posições ideológicas altamente conflitantes, possibilitando que o Outro – o interdiscurso – fale mais que o próprio sujeito.

Há, entretanto, quem defenda a existência, na atualidade, de uma quarta fase para a AD. Como esclarece Barros (2005, p.32), essa quarta época seria o “primado da prática”, na qual a subjetividade seria relativizada e graduada em função das instâncias sociais, a interdisciplinaridade, além do habitual contato com a história ou sociologia, se ampliaria para a etnologia, a antropologia, a midiologia e campos afins, as filiações teóricas resgatariam ideias fundantes como o materialismo histórico marxista e o dialogismo bakhtiniano, a prática discursiva seria a prática de sujeitos dotados de intenção e, em suma, o discurso seria uma prática de intervenção no mundo. Finalmente, os defensores da quarta fase sugere que, dada a disseminação dos estudos em Análise do Discurso em nível mundial, não se utilize mais os termos “AD francesa” ou “AD anglo-saxã”, por exemplo, e sim, doravante adote-se a determinação topográfica Análise do Discurso Internacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado mostrou os fundamentos epistemológicos da Análise do Discurso, refletiu sobre a constituição teórica dessa área de estudos, descreveu as fases de sua construção histórica e discutiu possibilidades futuras para o desenvolvimento teórico da disciplina.

Ao abordar os fundamentos epistemológicos, mostrou a influência decisiva do estruturalismo, do marxismo e da psicanálise no período fundante da disciplina. O estruturalismo dando caráter sistemático e científico ao estudo da linguagem, o marxismo contribuindo para a materialização da discursividade por meio das noções de materialismo histórico e a psicanálise ao apresentar um sujeito que não é dono de seu próprio destino.

Quando refletiu sobre as contribuições teóricas que fundamentaram a Análise do Discurso, apresentou as formulações iniciais de Pêcheux colocando a AD num outro patamar dos estudos da linguagem, mostrou o conceito de ideologia elaborado por Althusser a partir de uma releitura de Marx, bem como a crítica de que foi alvo o projeto althusseriano, ressaltou o papel desestabilizador de Michel Foucault, o conceito e as consequências da noção foucaultiana de formação discursiva para a AD, além das contribuições de Mikhail Bakhtin com as concepções de ideologia, alteridade, heterogeneidade e dialogismo.

Ao tratar da evolução histórica da AD e mostrar as fases por que passou a Disciplina, apresentou um primeiro momento em que o discurso era fruto de uma máquina, um segundo onde em que entrou a cena a noção foucaultiana de Formação Discursiva e um terceiro em que prevalece o interdiscurso e no qual o discurso atinge elevado grau de heterogeneidade e carga polissêmica; aventou também, com base na indicação de teóricos da atualidade, a existência de uma quarta época para AD, a qual estaria em gestação e que se configuraria por relativizar o papel do sujeito e entender o discurso como uma prática de intervenção no mundo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. M. Lahud & Y. F. Vieira. 4.ed. São Paulo, Hucitec, 1988.
- COSTA, Nelson Barros da. **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campos, SP: Pontes, 2005.
- COURTINE, J.J. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo, Edufscar, 2009.
- FREITAS, Alessandra Cardoso de; RODRIGUES, Lilian de Oliveira; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. (Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Mossoró: Queima-Bucha/Edições UERN, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. L. F. de A. Sampaio. 18.ed. São Paulo, Loyola, 2009.
- FOUCAUT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. L. F. B. Neves. 7.ed. São Paulo, Forense Universitária, 2010.
- LUNA, Francisco Canindé Tinoco de. **Anotações das aulas da Disciplina Teorias Linguísticas ministrada pelo Professor Doutor Ivanaldo Santos**. Pau Dos Ferros: UERN, 2011. 15 p.
- MIOTELO, Vlademir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MUSSALIN & BENTES. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Francisco Paulo da. De como se inscreve o acontecimento na estrutura: em foco a relação intra e interdiscursiva ou as materialidades do sentido. In: **Anais da VI SELLP – Semana de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros**. Pau dos Ferros, 2008.